

agradecimento ao consciencioso e competente organizador Sr. João Leal e ao esforço das Publicações Dom Quixote de reviver importantes lições de Adolfo Coelho.

E.B.

*

O Mês Modernista. Organização e notas de Homero Senna. Fundação Casa de Rui Barbosa. Ministério da Cultura. Rio de Janeiro, 1994

Ficamos a dever ao investigador infatigável Homero Senna mais esta contribuição no sentido de oferecer ao público interessado e estudioso da cultura brasileira. Trata-se da reedição de colaboradores do jornal *A Noite*, a convite de Viriato Correia, no período que vai de dezembro de 1925 a janeiro de 1926, coluna intitulada *O Mês Modernista* (a rigor, seria *O Mês Futurista*), colaborações, dizíamos, de Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Martins de Almeida, Mário de Andrade e Prudente de Moraes Neto.

O Mês Modernista havia saído das colunas de *A Noite* para publicação em livro, em 1972, sob o título *Brasil: 1º Tempo Modernista*, patrocinado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, organizado por Marta Rossetti Batista, Telê Porto Ancona Lopes e Yone Soares de Lima.

Volta agora Homero Senna a nos oferecer nova edição do importante documento estético-literário e nitidamente provocador dos ideais parnasianos reinantes àquela quadra, pelas razões a que alude:

E tomamos essa decisão pelos seguintes motivos: a) pelo caráter de importante documentário, (...) que tem hoje essa matéria; b) por se encontrar esgotado o livro em que no ano acima citado, foi reproduzido; c) pelos vários lapsos de leitura dos originais, e de revisão tipográfica, que lamentavelmente se insinuaram nessa publicação; d) pela possibilidade de incluir notas e comentários sobre as colaborações, indicando aquelas que, modificadas ou não, foram aproveitadas pelos autores em livros que depois vieram a publicar, o que naturalmente deixou de ser feito pelos organizadores do citado volume, dado o seu caráter de “documentação”, apenas; e) pela oportunidade de trazer para esta edição citações de obras que aludem ao “Mês Modernista”; f) pela iniciativa de agrupar e resumir as colaborações por autor, o que possibilita uma visão de conjunto da contribuição que cada um deu à série; g) pela conveniência de restabelecer a iconografia original, uma vez que reproduzimos apenas as ilustrações que saíram em *A Noite*, e não algumas dessas, além de outras, estranhas à coluna, como fez a referida publicação (p.11).

Por todas estas razões, podemos dizer que estamos com a melhor reprodução do “Mês Modernista”, acrescida de notas e comentários que, como nos revela o organizador, muito ajudam o entendimento mais amplo das colaborações e o ras-trear a fortuna editorial dessas produções dos seis modernistas convidados.

Além da notícia informativa dos motivos que levaram *A Noite* a contratar seis escritores “futuristas” [que passou a *modernistas*] para escreverem durante um mês, datada de 11/12/1925 (p.29-31), e da entrevista de Mário de Andrade ao mesmo jornal em 12/12/25 (p.33-38), inicia-se a coluna a 14/12 com uma crônica de Carlos Drummond acerca de *O Homem do Pau-Brasil* (p.39-41).

A segunda colaboração, intitulada *Tendências* e saída em 15/12, é de Sérgio Milliet, (p.43-45); a terceira, *Duas Traduções para Moderno Acompanhadas de Comentários*, em 16/12, vem assinada por Manuel Bandeira, (p.47-51), a quarta, *Pau-Brasil*, em 17/12, foi escrita por Martins de Almeida (p.53-54); a quinta, *Monólogo dum Elefante do Circo Sarrasani*, em 18/12, devida a Mário de Andrade (p.55-56); a sexta, *Historinha do Brasil – do Diário de um Tupiniquim*, em 19/12, de autoria de Prudente de Moraes Neto (p.57-58).

Drummond voltaria a escrever *Poemas*, em 21/12 (p.59-61), Taí, em 29/12 (p.77-79) e *Bucólica no Caminho do Pontal – Política – Itabira*, em 5/1/1926 (p.99-101).

Sérgio Milliet escreveria *Dois Poemas Brasileiros*, em 22/12 (p.63/64), *Olho-de-Boi*, em 30/12 (p.81-84) e *Prefácio para um Livro Futurista*, em 6/1/26 (p.103-105).

Manuel Bandeira colaboraria ainda com *Cidade Nova*, em 23/12 (p.65-67), *Bife à Moda da Casa*, em 31/12 (p.85-87) e *Tradução pra Caçanje Precedida de Comentários*, em 7/1/26 (p.107-109).

Martins de Almeida compareceria também com *Meus Pontos de Vista*, em 24/12 (p.69-70), *Capítulo Antigo*, em 1/1/26 (p.89-91), *Sobre Belo Horizonte*, em 8.1 (p.111-113).

Mário de Andrade estaria presente ainda com *Amostra de Romance*, em 26/12 (p.71-73), *Losangos Arlequinais*, em 2/1/26 (p.93-95), *Cartaz*, em 9/1 (p.115-116).

Prudente de Moraes Neto, enfim, escreveria mais *Sinal de Alarma*, em 28/12 (p.75-76), *O Indiferente*, em 4/1/26 (p.97-98), *Copacabana, O Verão e Outras Coisas – História de Chopin*, em 12/1 (p.117-118).

Já vimos o empenho de H. Senna em nos oferecer uma reprodução fiel do *Mês Modernista* tal como apareceu aos leitores de *A Noite*, ressaltadas as gralhas existentes no periódico; tomamos a liberdade de nos afastar do ilustre organizador num único ponto, aquele que altera certos cacoetes lingüísticos de Mário de Andrade:

Com exceção das de Mário de Andrade, as demais colaborações não ofereceram dificuldades quanto à preparação dos respectivos textos, tendo sido adotado o critério geral de atualizar a ortografia. No que se refere às do autor de *Macu-*

naíma, à semelhança do que, talvez com pouca Ecdótica, mas com muito bom-senso, fez Moacir Werneck de Castro no seu primoroso volume sobre o “exflío” de Mário de Andrade no Rio, deixaram de ser respeitadas certas preferências do escritor, como as formas “milhor”, “si” (em lugar do pronome e da conjunção “se”), “lião”, “alumeando”, “dezanove, etc. (p.12).

Pondo de lado a questão de que nas formas apontadas como regularizações *ortográficas* nem sempre se trata de ortografia, como o caso de “dezanove”, o critério de uniformização deveria abrir exceção para essas “preferências” de Mário, tendo em vista o empenho com que as defendia contra quem nele as reprovasse, conforme se pode ver em algumas de suas cartas. Com este “critério geral de atualizar a ortografia”, priva-se o leitor de algumas das mais constantes decisões de Mário no que toca à essência e à periferia da sua língua literária.

Resta-nos agradecer a Homero Senna este bom serviço a mais em prol da divulgação da cultura entre nós.

E.B.

*

Antônio Geraldo da Cunha. *Os Verbos Dar, Dizer, Estar e Fazer no Vocabulário do Português Medieval*. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1995.

Poucos hoje estarão no Brasil tão preparados e com tal volume de material recolhido para fazer obras de lexicografia portuguesa como Antônio Geraldo da Cunha. De há muito o operoso investigador do nosso léxico vem-nos brindando com excelentes instrumentos de trabalho, como o *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas* e, mais recentemente, os três volumes até agora saídos do *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, gérmen do futuro *Vocabulário do Português Medieval*, se forem oferecidos ao investigador as ajudas financeiras para o empreendimento de tão útil quanto importante empresa. Está pronto e sairá dentro em breve o *Dicionário Histórico e Etimológico dos Verbos mais Freqüentes do Português Contemporâneo do Brasil*. Para que se possa avaliar a extensão e qualidade desse futuro *Vocabulário*, A. G. Cunha empreende uma amostra que é o opúsculo cujo título vem encimando esta breve e despretensiosa resenha. Para a elaboração dele contou com o concurso das professoras Ayla Pereira de Melo e Dylma Bezerra, que participaram também da elaboração do três volumes já vindos à luz do *Índice do Vocabulário* e do *Vocabulário histórico*.

No meio de uma rica floresta lexical, o A. explica por exemplo por que a escolha recaiu nos quatro aludidos verbos:

Não foi meramente casual a escolha dos verbos *dar, dizer, estar, e fazer* para ilustrar os critérios lexicográficos que, a nosso ver, se impõem para a